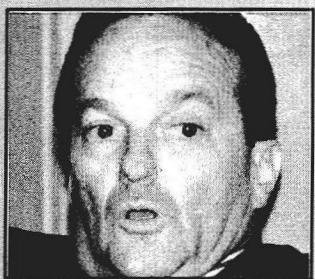


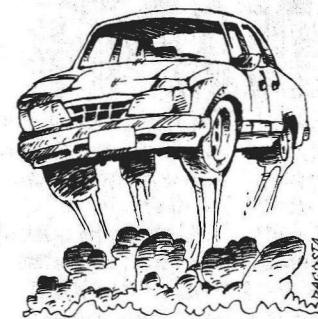
ECONOMIA



Bornhausen: sucesso.

Arquivo/AE

Nesta página: temendo os prolongados efeitos da recessão, os empresários pretendem ir a Collor pedir a retomada do crescimento econômico. Marcílio volta dos EUA e se diz tranquilo com a inflação. **Página 8:** o mínimo, reajustado hoje para Cr\$ 230 mil, fica congelado até setembro. A articulação política do ministro Jorge Bornhausen foi decisiva para a vitória do governo no Congresso. **Página 9:** o acordo da indústria automobilística completou um mês e conseguiu um crescimento recorde de 147% nas vendas de veículos em abril. E o Opala sai de linha, após 23 anos.



O velho Opala está se aposentando

Empresários: chega de recessão.

PRESIDENTES DA CNI E FIESP VÃO LEVAR O PEDIDO A COLLOR. ANTÔNIO ERMÍRIO ATACA A CIRANDA.

FÁBIO PAHIM JR. E
MILTON F. DA ROCHA FILHO

Grandes empresários de setores importantes da economia já acreditam que a recessão é a maior da última década, e só a agricultura apresenta alguma melhora. Também a ciranda financeira, que retornou com a política de juros altos, dificulta a retomada do crescimento, alerta o diretor superintendente do grupo Votorantim, Antônio Ermírio de Moraes. Os empresários estão preocupados e recomendam reformas estruturais no País, a começar pela reforma fiscal, para que a inflação caia de uma vez. Essa inquietação será transmitida pessoalmente nos próximos dias ao presidente Fernando Collor pelos presidentes da Confederação Nacional da Indústria, Albano Franco, e da Fiesp, Mário Amato. Eles vão pedir o fim da recessão.

Os empresários dirão ao presidente que não querem a saída do ministro da Economia, Marcílio Marques Moreira. Ao contrário, condenam a "fritura" do ministro e defendem sua continuidade no cargo. Admitem que viver com uma inflação mensal de 20% ao mês é difícil, e quase impossível para se conseguir uma retomada definitiva da economia, como seria o ideal para o País. "Estamos vivendo momentos de altos e baixos. Isto é, uma semana de crescimento da economia e outra de baixa. Assim não há quem agüente", desabafa Antônio Ermírio.

Para as reformas estruturais — entre as quais uma reforma fiscal, com alterações na Constituição —



Ermírio: altos e baixos.

ma guinada na política de Marcílio. "Nós esperávamos um afago que não veio", lastima Mário Amato, que reflete a opinião da indústria paulista, com 16% do Produto Interno Bruto brasileiro. "A expectativa de efeitos multiplicadores da safra e da exportação foi adiada", observa o presidente do Mappin, Carlos Antonio Rocca, preocupado com a chegada de uma âncora estabilizadora, a reforma fiscal.

Os empresários, porém, não esperam um avanço da inflação. "Estou projetando queda no ritmo dos preços", diz o presidente da Confab, Roberto Cayubi Vidigal, também da Rio de Janeiro Refrescos (Coca-Cola). "A inflação deve cair em maio e junho. Ninguém consegue vender", reforça Carlos Loureiro, presidente da Rio Negro, maior distribuidora de aço do País. "As pessoas já entregaram as gorduras e a carne e estão comendo os ossos. Estou menos otimista, mas não pessimista", diz Amato. "O último trimestre do ano deverá ser melhor", diz Loureiro.

Tanto Rocca quanto Vidigal acreditam que a vitória do governo na aprovação do salário mínimo é um sinal positivo. "Não estou pessimista. Todos os fatores econômicos melhoraram", afirma o presidente da Confab. Mas Amato entende que o governo precisa fazer mais: "Deve gastar menos do que arrecada. Não tenho dúvidas quanto à sustentação da política econômica, mas é preciso afrouxar um pouco, cortando mais na área pública".

Afago

Na opinião de alguns empresários de setores do aço, indústria de base, eletroeletrônicos e eletrodomésticos, além de alimentos, o mês de abril foi pior do que o esperado, e eles não acreditam nu-